

REVISTA REDAÇÃO

15/06/2014 - Ed. 24



Lucas Rocha



A SOCIOLOGIA DO TRABALHO

A sociologia do trabalho (SÉRGIO SANANDAJ MATTOS)

É importante ter um olhar retrospectivo sobre o tema para se chegar a uma síntese histórica sobre as origens, a trajetória, a importância fundamental e os principais desafios que ainda estão por vir da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho (ALAST)

NESTA edição, vou dedicar um olhar retrospectivo sobre a Sociologia do Trabalho e uma síntese histórica sobre as origens e trajetória do tema. A Sociologia, num sentido restrito, compreende o estudo científico dos fenômenos da sociedade, isto é, os fatos sociais, da vida associativa, das origens, da estrutura das mudanças, do desenvolvimento nas relações sociais, da vida social e do comportamento social. É um vasto campo de pesquisa e se configura em vários ramos de estudo. A Sociologia pode ser geral ou especial. Como sabemos, encontra-se subdividida em diversas áreas, que, embora tenham princípios muito semelhantes, diferem, especialmente em seu objeto central de estudo. O reconhecimento de importantes organizações sociológicas reflete, também, os diversos campos ou ramos de estudo da Sociologia (política, econômica, educacional, religiosa, jurídica, cultural etc). É um dos campos que trata dos fenômenos sociológicos, com ênfase no contexto espacial e ocupacional, é a Sociologia do Trabalho.



O reconhecimento de importantes organizações reflete os diversos ramos da matéria, como a Sociologia Política, além da econômica, educacional, religiosa, jurídica, cultural etc. Um dos campos fundamentais é a Sociologia do Trabalho

Segundo Alejandro Blanco, "(...) a Sociologia do Trabalho surge na América Latina por volta dos anos 50 e 60 do século passado, combinando a tradição mais empírica da Sociologia norte-americana com a das grandes teorias da Europa" (BLANCO, 2007).

Convém lembrar que a Sociologia do Trabalho, especialmente na América Latina, "(...) sempre esteve muito marcada pela situação política da região. Em um determinado sentido, sempre foi uma disciplina militante", como assinala a socióloga Laís Abramo, em importante trabalho a respeito do seu desenvolvimento e desafios na região (ABRAMO, 1999).

A Sociologia do Trabalho passou por diversas fases em sua evolução. O melhor entendimento dela, até então, exige a compreensão das etapas de seu desenvolvimento na América Latina. A socióloga Laís Abramo, em sua obra *Desafios atuais da Sociologia do Trabalho na América Latina: algumas hipóteses para discussão*, se reportando às grandes etapas de desenvolvimento da disciplina, destaca três períodos: "(...) a primeira vai do surgimento da Sociologia do Trabalho latino-americano (anos 50) até o final dos 60, quando o tema principal, que sobreterminava a discussão, era o da modernização, entendida como a passagem de uma sociedade agrária e tradicional a uma sociedade urbana e industrial, e o que se tratava de discutir eram as condições de emergência de uma classe trabalhadora 'adequada' a esse processo de modernização. A segunda se desenvolve de meados dos anos 70 até fins dos 80, quando o central passa a ser a polaridade Democracia vs.

Ditadura e o que se discute, fundamentalmente, são as possibilidades de reconstrução de uma classe trabalhadora e de um movimento sindical desorganizado e fragmentado pelos regimes militares. O terceiro inicia-se no final dos anos 80, quando o que passa a estar no centro da discussão é a crise do taylorismo fordismo e o surgimento dos 'novos modelos de empresa', os processos de ajuste estrutural e de globalização da economia a escala internacional e seus impactos sobre as situações de trabalho. Essa trajetória está marcada por um movimento teórico e metodológico complexo, no qual vão se transformando ou superpondo-se distintos níveis de análise e diferentes diálogos multidisciplinares.

Em grandes linhas podemos dizer que, na primeira etapa, predominava uma Sociologia, em grande parte, subordinada à economia do desenvolvimento, que, por sua vez, estava marcada por fortes elementos de um determinismo estruturalista. Na segunda etapa ocorre uma recuperação da perspectiva do sujeito, e a Sociologia do Trabalho dialoga com e se nutre da História, da Ciência política e da Sociologia dos movimentos sociais.

Na terceira etapa, se por um lado se verifica uma tendência a aprofundar o movimento iniciado na fase anterior em direção ao exame dos processos de trabalho e ao diálogo com disciplinas tão díspares, como a Antropologia e a Engenharia Industrial, se fortalece, também, outra vertente, na qual a tendência é a metamorfose da Sociologia do Trabalho em uma Sociologia do management e, outra vez, sua subordinação à economia e à desaparecimento dos sujeitos" (ABRAMO, 1999).

Na década de 1990, período fortemente marcado pela redemocratização e, paradoxalmente, por uma profunda crise que se abate sobre o mundo do trabalho, surge a Alast, uma organização científica para o intercâmbio acadêmico e uma associação civil, cujo objetivo geral é iniciar e/ou coordenar iniciativas de colaboração entre cientistas latino-americanos dedicados ao estudo do trabalho.

A Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho representa o esforço de agregar sociólogos e pesquisadores de diferentes culturas, disciplina e países da América Latina, dedicados ao estudo do trabalho e todas as suas vertentes

Na década de 1950, na América Latina e Caribe, surgem diversas organizações científicas, profissionais, nacionais e internacionais da Sociologia e dos sociólogos. Obra de referência, única e indispensável, *Nueva historia de la Sociologia latinoamericana*, de A. Poviña, descreve não só importantes momentos da trajetória, mas revela, em linhas gerais, os antecedentes históricos e os elementos formadores das múltiplas modalidades de organização e expressão científicas e profissionais dos sociólogos e da Sociologia na América Latina.

GOLPES MILITARES

Na década de 1960, os sucessivos golpes militares em diversos países da América Latina provocaram uma verdadeira diáspora de sociólogos. Nos anos 70, um movimento latino-americano pelos temas da Sociologia do Trabalho e a influência das mobilizações populares e de um sindicalismo recuperado ganha força e chama a atenção para algumas obras. Os temas abordados, de forma dinâmica e de acordo com sua natureza, sempre que possível, estão vinculados à realidade latino-americana.

Na década de 1960, os sucessivos golpes militares na América Latina provocaram uma verdadeira diáspora de sociólogos. Nos anos 70, um movimento latino-americano pelos temas da Sociologia do Trabalho e a influência das mobilizações populares e de um sindicalismo recuperado ganha força

Na passagem dos anos 70 para a década de 1980, sob a lógica de uma "democratização progressiva da sociedade", tem início um ciclo de reformas da sociedade. Nos anos 90, em uma conjuntura marcada pela globalização e por transformações no mundo do trabalho, começa um novo ciclo político e emergem alternativas em diferentes países da América Latina, a partir de um profundo debate sobre o passado e o futuro da região.

Fundada em novembro de 1993, no I Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho, realizado no México, a Associação Latino-Americana de Sociologia do Trabalho, atualmente denominada Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho, surge para promover iniciativas de colaboração entre cientistas e pesquisadores latino-americanos dedicados ao estudo do trabalho. Desde então, vem realizando um congresso a cada três anos. Até o momento, já realizou sete encontros em diferentes países da América Latina e Caribe: México (1993 e 2010), Brasil (1996 e 2013), Argentina (2000), Cuba (2003), Uruguai (2007). Assim como os congressos, a sede da associação é itinerante, circulando entre países a cada três anos.

Em tempos recentes, tem publicado vários livros, a partir de uma seleção de trabalhos e conferências de seus congressos. Em 1998, juntamente com a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo, lançou a

Série II Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho, que compreende três volumes, com textos selecionados dentre os apresentados no II Encontro, realizado no Brasil, em Águas de Lindoia, em dezembro de 1996, pela Alast. São eles: A ocupação na América Latina: tempos mais duros, organizado por Nadya Araújo Castro e Cláudio S. Dedecca; Trabalho e qualificação profissional, organizado por Márcia Leite e Magda Neves; Gênero e Trabalho na Sociologia Latino-Americana, organizado por Laís Abramo e Alice Rangel de Paiva Abreu.

Além das recentes publicações de livros, a Alast mantém a edição da Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho, que tem como objetivo estimular o debate, a discussão e a difusão acadêmica, em torno do campo da Sociologia do Trabalho. A revista é publicada em língua portuguesa e em espanhol (CARVALHO & MATTOS, 2005).

Por ocasião do VI Congresso, realizado no México em 2010, a Alast passa a adotar a denominação de Asociación Latinoamericana de Estudios del Trabajo - Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho (Alest), tendo em vista a percepção de que "(...) os novos estudos do trabalho têm sido interdisciplinares e adotam teorias de diversos ramos de conhecimento".



Márcia de Paula Leite, socióloga, pesquisadora e professora titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi uma das organizadoras da pesquisa Trabalho e qualificação profissional

DEBATES

A entidade é responsável pela realização de vários congressos da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho. O primeiro ocorreu na Universidade Nacional do México, na Cidade do México, entre os dias 22 e 26 de novembro de 1993. Em 1996, na cidade de Águas de Lindoia, São Paulo, Brasil, entre 1º e 5 de dezembro, tendo como tema geral O mercado de trabalho no contexto da globalização: desafios e perspectivas, efetivou-se o II Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho. A Argentina sediou o III, realizado em Buenos Aires, entre os dias 17 e 21 de maio de 2000, tendo como tema central El trabajo en los umbrales del siglo XXI (O trabalho nos umbrais do século XXI).

O IV foi realizado em Havana, Cuba, de 9 a 13 de setembro de 2003, tendo como tema El trabajo en America Latina en los comienzos del siglo XXI: perspectivas de su caráter emancipador y de su centralidad (O trabalho na América Latina nos inícios do século XXI: perspectivas de seu caráter emancipador e de sua centralidade). O Uruguai sediou o V Congresso, realizado em Montevideu, entre 18 e 20 de abril de 2007. Em 2010, no México, de 16 a 22 de abril, efetivou-se o VI Congresso. Com a participação de estudantes e pesquisadores da América Latina e de outros países, o evento reuniu 749 propostas de comunicações elaboradas por 997 pesquisadores de 24 países: México, Argentina, Espanha, Uruguai, Colômbia, Brasil, Chile, França, Canadá, Venezuela, El Salvador, Cuba, Peru, Porto Rico, Costa Rica, Bolívia, Itália, Equador, Suécia, Guatemala, Panamá, Nicarágua, Reino Unido e Alemanha. Os países com mais trabalhos propostos

foram México, Brasil e Argentina, nessa ordem.

O Brasil sediou o VII Congresso, realizado na Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, entre os dias 2 e 5 de julho de 2013, tendo como tema geral O trabalho no século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas, reunindo 519 participantes inscritos, de países como Brasil, México, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, Bolívia, Cuba, Venezuela, Equador, Peru, Haiti, além de observadores e, também, de representantes de outros países do mundo (CARVALHO e MATTOS, 2005; RAMALHO, 2013).



A Cidade Universitária, na USP, foi sede do VII Congresso, em 2013, que apresentou como tema central O trabalho no século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas, reunindo 519 participantes inscritos

Por fim, é importante ressaltar que, diante da nova morfologia do trabalho, reestruturação produtiva, das mudanças que têm impactado o setor, nesse início de século, novos saberes e práticas, em sintonia com as especificidades históricas e estruturais das sociedades latino-americanas, vêm estimulando, atualizando e aprofundando a extensa agenda de debates da Sociologia do Trabalho e da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho.

Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho » Considerando que os novos estudos do trabalho têm sido interdisciplinares e adotam teorias de diversos ramos de conhecimento, a Associação Latino-Americana de Sociologia do Trabalho, a partir do VI Congresso, realizado no México, em 2010, passa a ser denominada Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho.

Congressos da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho » Ao longo de sua trajetória, já teve na presidência, Cecília Montero, Chile (1993-1996); Alice Rangel de Paiva Abreu, Brasil (1997-2000); Silvio Feldman, Argentina (2000-2003); Marcus Supervielle, Uruguai (2003-2007); Márcia de Paula Leite, Brasil (2010-2013). (CARVALHO e MATTOS, 2005).

SÉRGIO SANANDAJ MATTOS é sociólogo, professor e ex-diretor da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Asesp). É coautor do livro *Sociólogos & Sociologia: Histórias das suas entidades no Brasil e no mundo*. E-mail: ss.mattos@uol.com.br. **Revista SOCIOLOGIA, Junho de 2014.**

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, L. *Desa os atuais da Sociologia do Trabalho na América Latina: algumas hipóteses para discussão*. In: De La Garza Toledo, Enrique. (Org.) *Los retos teóricos de los estudios del trabajo el siglo XXI*. Buenos Aires: CLACSO, 1999. Disponível em biblioteca. clacso.edu.ar/subida/clacso/gt/uploads/2010/10205132/3abramo. Acesso em 23.fev.2014.
- BLANCO, A. *Ciências sociais no Cone Sul e a gênese de uma elite intelectual (1940/1965)*. *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*, 2007, v. 19, no 1, p. 89-114.
- CARVALHO, L. M. G. X. e MATTOS, S. S. *Sociólogos & Sociologia. História das suas entidades no Brasil e no mundo*, prefácio de Francisco de Oliveira, vol. I, São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2005.
- LEITE, M. de P. *A Sociologia do Trabalho na América Latina: seus temas e problemas re(visitados)*. In: *Revista Sociologia&Antropologia*, v. 2, no 4, p. 103-127, IFCS, UFRJ, 2012.
- LEITE, M. de P. *Editorial, Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*, ano 18, no 29, p. 3-12, 2013. Disponível em http://relet.iesp.uerj.br/Relet_29/Editorial.pdf Acesso em 27 fev. 2014.
- POVIÑA, A. *Nueva historia de la Sociologia latinoamericana*. Córdoba: Imprensa de La Universidad Córdoba (R.A.), 1959.
- RAMALHO, J. R. *Vinte anos da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho (Alast)*. *CDC, Caracas*, v. 30, no 83, agosto 2013.

Para ler em companhia dos Buendía (JOANA RODRIGUES)

No romance sobre a secular família de Cem Anos de Solidão, o autor cria um mundo louco, poético, histórico e real



Descompassos amorosos permeados de incesto e mortes convergirão em solidão

CARO leitor, é chegado o momento. Você se encontra aí, diante das páginas ou da tela, à espera de Cem Anos de Solidão. Tanto melhor é deixar-se levar pela porta de entrada que García Márquez nos propõe com o título do romance. Ao apontar algo bastante real, a cronologia, e ao mesmo tempo a proposta de uma extensão tão vasta que somente o ser humano poderá avaliar, um século de solidão. Assim, com a ausência de um verbo no título, o leitor se permitirá configurar à sua leitura a palavra de ação ou o verbo que melhor lhe convier.

Por se tratar de uma obra que já ultrapassou a tiragem de 50 milhões de exemplares e está entre as cinco mais lidas no mundo depois de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, e a Bíblia; publicada em 36 idiomas, poderá causar, no mínimo, uma dose elevada de expectativa na leitura. Um mundo louco, mágico, sensível, poético, histórico e ao mesmo tempo real vai se delinear a partir do primeiro conjunto de frases, das quais já se ouviu, à fatura, a reprodução: "Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo".

Somada à expectativa da leitura, outra dose, agora de prazer, poderá se apresentar ao leitor. Afinal, é chegado o momento de compartilhar com o Prêmio Nobel de Literatura (1982) o universo ímpar construído sob a mescla de realidade e imaginação, de magia e fábula, o universo do realismo mágico. Sim, García Márquez ao publicar, em 1967, este que foi o seu terceiro livro de ficção, Ninguém Escreve ao Coronel (1958) e A Má Hora – O veneno da madrugada (1961), trouxe novidades literárias justamente para dar conta de uma realidade tão saturada de cores, imagens, emoções e paisagens, que as formas narrativas, os estilos literários dessa época, os anos de 1960, não eram suficientes. Assim, criaram-se novas metáforas e maneiras de narrar com as quais García Márquez e outros escritores latino-americanos conseguiram expressar-se da forma que necessitavam. Nesta nova escritura de romances, os limites entre realidade e fantasia foram apagados. Os elementos fantásticos tomaram conta das histórias e dos personagens até se tornarem enraizados em seu cotidiano.

O sabor contagiante do discurso literário que exala de obras como Cem Anos de Solidão não elimina o compromisso de que seus autores e suas temáticas contundentes sempre se mantenham colados à realidade. E García Márquez não desvia de tal propósito quando denuncia acontecimentos históricos, principalmente as guerras civis e as ditaduras nas cerca de 450 páginas do romance que teve – a pedido de Gabo – outra tradução para o português a cargo de um dos amigos mais próximos do escritor, o também escritor e jornalista Eric Nepomuceno. Um dos episódios retratados no livro relata as agruras de uma companhia norte-americana junto aos trabalhadores do setor bananeiro e dizima 3 mil homens, referência a um acontecimento catastrófico que marcou a trajetória de Gabito na infância, quando da tal greve de 1928.

Para trazer tantas histórias à tona sob o signo daquilo que não é comum, do que é surreal, maravilhoso e fantástico García Márquez mune-se de recursos literários que remetem às técnicas do folhetim, portanto, da dinâmica da oralidade, o que se soma ao uso e abuso das hipérboles, ou seja, dos exageros. Essas marcas presentes em textos do realismo mágico

se juntam, no caso de Cem Anos de Solidão, a outro elemento, a que o próprio autor chamou de carpintaria da escrita. A forma de engrenar uma frase na outra, a partir da escolha de verbos, substantivos e adjetivos, imprimindo precisão nas ações e nas descrições, assim como na representação das emoções e dos sentimentos. No entanto, há de se acrescentar ao estilo "garciamarquiano" a forte presença poética. A escolha de um vocabulário muito mais aproximado aos escritores clássicos espanhóis do século XVIII, o século de ouro, por exemplo, uma de suas fontes de escrita, permite às frases e parágrafos ritmos ímpares. O que resulta em um texto que transpira odores, temperaturas, colorações, sensações tácteis e sons. Não é à toa que borboletas amarelas em quantidades nada miseráveis tomam conta das páginas e da tela quando entra em cena o aprendiz de mecânico Mauricio Babilônia, totalmente apaixonado por Meme (Renata), filha de Aureliano Segundo.

Do mesmo teor, é permitido ao leitor sentir o cheiro da pele chamuscada da mão de Amaranta, a terceira filha de José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán, que busca o fogo como autopenitência por não ter impedido o suicídio do noivo, e ter-se entregado a uma relação sexual amorosa com o sobrinho Aureliano José.

E para encerrar o ritual da iniciação ou do quebra-gelo, é preciso ficar com a certeza de que uma leitura única não dará conta da abundância de possibilidades de interpretação que o livro oferece. Assim como uma leitura primeira não alcançará as tantas referências pessoais ao escritor, ao seu país, à América Latina e às questões universais ali encravadas. Daí entender-se como possível a interpretação de que as histórias vividas por Aurelianos e Arcádios em seus círculos e ciclos cíclicos que propositadamente se repetem em nomes e trajetórias de vida, possam remeter a um território sociopolítico-cultural chamado América Latina. Lugar esse, ao mesmo tempo mágico e real, destinado a enfrentar um século de solidão, consequência do abandono das questões centrais que movem as nações: políticas públicas, direitos humanos, qualidade de vida, educação.

Diante desse leque de interpretações plurais, inclui-se ainda a perspectiva de que o romance poderá resvalar em temas bíblicos e, a mais pessoal de todas as possibilidades, de autoria do próprio escritor, quando muito seguro de ser um colombiano "caribe", ou seja da Costa Atlântica, afirmou "ser um simples notário e não ter inventado nada". Quem mergulhar na cultura caribenha e nos outros registros de Gabo, crônicas e reportagens, que o diga.



São muitas as camadas que o texto do romance nos proporciona, por isso nos caberá, na condição de leitores críticos, escavações plurais e contínuas. Então, vamos a elas! Pois trata-se de uma sucessão de pequenas aventuras narrativas, providas da capacidade de trazer à luz o que o crítico uruguaio Ángel Rama chamou de pirotecnia incessante, distribuídas ao longo de 20 capítulos, que nos é apresentada sem títulos nem numeração. Para o embarque nessa aventura leitora e literária pode-se ficar então com a máxima "em se tratando de Macondo tudo é possível", uma vez que o leitor mesmo diante do exagero e do insólito, passará a selar um pacto de leitura com a verossimilhança com o texto.

Pois é em Macondo o cenário no qual se desenrola a ação dos 69 personagens. Esse lugar mítico e presente geograficamente na imaginação de García Márquez desde a sua juventude, quando se deparou com uma tabuleta nomeando uma fazenda de banana abandonada em uma das visitas à sua terra natal, a cidade de Aracataca. São homens e mulheres, jovens e centenários (a matriarca Úrsula Iguarán vive até os 120 anos), vivos e mortos que se juntam ao casal nuclear da história, os primos Úrsula Iguarán e José Arcadio Buendía, donos de ações e comportamentos singulares. Ou melhor, ações e comportamentos completamente de acordo com o jeito macondiano de ser, e por isso enfrentarem-se a uma epidemia de insônia, uma chuva de quatro anos, onze meses e dois dias, a ascensão da lindíssima bisneta Remedios, filha de Aureliano Segundo, que em uma tarde ensolarada lança-se ao céu segurando um lençol, desaparecendo para sempre, e do padre Nicanor, que, depois de uma xícara de chocolate quente, sai do chão, levitando, com o intuito de chamar a atenção dos fiéis durante uma celebração religiosa.

A história do romance começa quando Macondo se vê invadida por uma trupe de ciganos, cuja figura de destaque recai em Melquíades. Será ele o responsável pelo registro letrado da saga familiar – um pergaminho redigido em sânscrito – portanto, figura fundamental para decifrar a história dos Buendía, um século depois. O impacto maior dessas visitas estrangeiras que trazem o gelo e o tapete voador, entre outras maravilhas, para Macondo se dá junto ao patriarca, José Arcadio Buendía, que abandonará afazeres familiares e domésticos para protagonizar uma série de experiências malsucedidas, como usar ímã para encontrar ouro na Terra, Transformar outros metais em ouro e reproduzir peixinhos desse mesmo metal serão obstinações as quais o marido de Úrsula Iguarán passará a viver, ao lado do cigano Melquíades, em um processo de isolamento. Os sucessivos insucessos o apartam da família e, assim, do quatinho do quintal se transfere para uma árvore, onde se aninha em sua demência solitária.

Em contrapartida, a matriarca Úrsula passará a atuar como a figura agregadora e responsável por sete gerações. Em meio a dramas particulares de todos os que a rodeiam, filhos, netos, bisnetos legítimos e ilegítimos, permeados por incestos, mortes e, em particular, a luta árdua do filho, o coronel Aureliano Buendía, com o regime político vigente e toda a sorte de descompassos amorosos que convergirão em solidões.

Se o espaço geográfico mítico Macondo acolhe cenas como as intensivas e desnorteadas caminhadas da menina Rebeca, filha não natural dos Buendía, sob o tilintar de ossos de seus pais, acondicionados em um saco dependurado no ombro, o tempo cunhado por García Márquez ganha outra dimensão no romance. Assim há episódios que comungam o passado, o presente e o futuro, justamente como o anunciado na primeira cena do livro. Já na casa-sede dos Buendía, um século pode ser apresentado em episódios instantâneos. Trata-se então de um tempo irreal. Elemento que permitirá ao leitor acompanhar o final da estirpe dos Buendía. Não necessariamente com o desaparecimento do patriarca José Arcadio, mas com a morte do mais jovem integrante do clã macondiano, o bebê ainda sem nome que, natimorto, levou igualmente sua mãe, Amaranta Úrsula, à morte durante o parto e o pai, Aureliano, quase à loucura. Fruto de um amor entre uma tia e um sobrinho, a criança nasceu com um rabo de porco, como temeu Úrsula Iguarán durante toda a sua vida, afinal, ela casou-se com o primo. E fica a leitura para pelo menos mais cem anos!

JOANA RODRIGUES é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CARTA NA ESCOLA, Junho de 2014.**

Hobbes de bike (LUIZ FELIPE PONDÉ)

OUTRO dia, em visita profissional a uma das principais capitais do país (aliás, uma das minhas preferidas), vi uma cena muito significativa do Brasil atual. De primeira não acreditei, levando em conta o tipo de pessoa envolvida, mas, depois, fui obrigado a aceitar a realidade dos fatos. O que eu vi? Já conto. Antes alguns reparos.

Já disse nesta coluna que estou mais pra Hobbes do que Rousseau em termos de rompimento do contrato social e da ordem pública, porque inclusive muito dos movimentos ditos sociais superestimam sua representatividade. Quando multidões se formam, em poucos minutos podem virar um grande instrumento de violência de massa. Ninguém é "bonzinho" quando se sente parte de uma massa de "iguais". Hobbes é o cara que viveu uma vida honesta e responsável e dizia que sem ordem degeneramos em violência porque a vida é precária, perigosa, breve e dolorosa. Rousseau é o carinha que mandou os filhos pro asilo, enlouqueceu sua mulher, mas dizia que somos anjinhos e que a propriedade privada e a ganância é que fazem sermos maus e que em multidões revolucionárias "curamos" o mundo.

Voltemos ao Brasil. Por exemplo, com relação à Copa, essa coisa de "não vai ter Copa" é uma tentativa de estragar a alegria da maioria que nunca mais terá a chance de ver uma Copa no país. Isso não significa que não tenha havido abusos e absurdos na condução da logística e infraestrutura, mas nada disso justifica querer tornar a vida das pessoas um inferno com manifestações um tanto totalitárias. Os demais movimentos são naturalmente oportunistas no sentido que a medicina dá a certos processos infecciosos.

E mais: duvido fortemente da suposta evidência de que sem movimentos de rua a sociedade deixe de se modernizar. A Revolução Francesa é um fetiche de professores que erotizam a política da violência "criadora". A França, como a Inglaterra, teria se modernizado sem a maldita revolução. A maioria dos movimentos políticos marcados por uma metafísica revolucionária (jacobinos, Rússia, Cuba, China, Vietnã, Leste Europeu até a queda do muro de Berlim e outros) não serviu para nada a não ser para matar seus inimigos com desculpas metafísicas ou enriquecer seus líderes corruptos com o passar do tempo.

É fato surpreendente que o mesmo tipo de gente que se diz contra guerras goza com a ideia de revoluções. Acho que muita dessa gente goza mais gritando frases de efeito na rua do que transando. Mas muito psicanalista (e similares) por aí acha mesmo que a "verdadeira" clínica é a política. Toda teoria política com metafísica é totalitária em algum momento. Mas e a cena que eu vi? Conto pra você agora. Estávamos nós saindo de um restaurante à noite quando o farol em nossa frente fechou. Um grupo grande de ciclistas passou. Mas, quando o farol fechou pra eles, em vez de pararem de passar, como seria o correto, três deles barraram a passagem dos carros que tinham o direito legal de passar, como fazem os policiais militares em situações excepcionais. Ou seja, foram autoritários.

Até aí, apenas mais um exemplo de que mesmo grupos que se julgam "do bem" (salvam o planeta pedalando, socializam durante as noites passeando, têm grana porque pobre anda de bicicleta durante o dia e rico anda de bike durante a noite) degeneram em violência quando em bando. Aí um quarto ciclista se aproximou das filas de carro barradas por eles, desceu da bike, levantou a "magrela" no ar com as duas mãos, como se fosse uma Uzi ou alguma metralhadora similar, e a sacudiu gritando algo incompreensível.

Já vi aqui em São Paulo ciclistas fecharem carros, furarem o farol xingando o motorista (que também nem sempre é educado, diga-se de passagem), correndo riscos de vida. Na Dinamarca, capital das bikes chiques, vi comportamentos agressivos semelhantes. Fosse eu uma dessas pessoas que "postam fotos", o ciclista estaria famoso a esta altura. A pergunta é: com quem estaria ele se identificando? Eu tenho algumas hipóteses. Entre elas, o líder do Boko Haram da Nigéria e suas meninas raptadas.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Pardon anything (GREGORIO DUVIVIER)

HELLO, Gringo! Welcome to Brazil. Não repara a bagunça. Don't repair the mess. In Brazil we give two beijinhos. Em São Paulo, just one beijinho. If you are em Minas, it's three beijinhos, pra casar. It's a tradition. If you don't give three kisses, you don't marry in Minas. In the other places of Brazil, you can give how much beijinhos you want. In Rio, the beijinho is in the shoulder.

The house is yours. Fica à vontade. Qualquer coisa é só gritar. Shout. Mas keep calm. Como é que se fala keep calm em inglês? Here the things demoram. It's better to wait seated. Everything is atrasado, it's like subentendido that the person will be atrasada. For a meeting, it's meia hora. For a party, it's two hours. For a stadium, it's one year. For the metrô, it's forever. Never say you are a gringo. Yes, people love gringo but people also love money and gringos have money so people vai cobrar de você mais money because you are gringo. Say you are from Florianópolis. People de Florianópolis look like gringo and they have a strange sotaque igual like you. People will believe you are from Florianópolis.

Politics is complicated. We don't like Dilma because of corruption but I think she don't rob but people from PT rob and Dilma don't do nothing to stop people robbing but politics is complicated. Try this moqueca. Put some farofa. Try this açaí. Put some farofa. Try this chicken we call à passarinho because it looks like a little bird. Now put some farofa. Now put some ovo inside the farofa. Mix with some banana. Delicious. You don't have farofa in your country? You know nothing, you innocent.

I'm catholic but I'm also budista and I am son of Oxóssi. How do you say Oxóssi in english? It's the brother of Ogum. You don't know Ogum? They are guerreiros. And my moon is in Áries. Ou seja. Imagine the mess. Try this xibequinha. It's cachaça with canela and honey. Try this Jurupiga. It's cachaça with wine. Or maybe it's wine and sugar. Nobody knows. It's delicious. Try this soltinho da Bahia. It's organic. I only smoke when I drink. But the problem is drink a lot. Try this brigadeiro. This is called larica. Now put some farofa. Delicious.

This cup passed really fast. Volte sempre. Come back always! Fica lá em casa. We are family now. You like that? You can keep it. It's your. Faça questão. I make question. Go with god and desculpa qualquer coisa. Pardon anything.

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Brasil respira aliviado (TÂNIA CAVALCANTE E LUIZ ANTONIO SANTINI)

AS VÉSPERAS da Copa do Mundo, o Brasil faz o seu primeiro gol. Um gol em benefício da saúde dos brasileiros. Trata-se do decreto nº 8.262, de 31 de maio de 2014, que proíbe o ato de fumar em recintos coletivos em todo o território nacional ao restringir a possibilidade de se ter áreas reservadas para esse fim.

A nova regra passa a valer em seis meses e alinha a legislação brasileira às regras da Convenção Quadro da Organização Mundial da Saúde. Em seu artigo 8º, esse tratado de saúde pública ratificado pelo Brasil recomenda a total proibição do ato de fumar em recintos coletivos como a melhor prática para proteger todos dos riscos do tabagismo passivo. E isso se deve ao fato de que não fumantes expostos aos elementos tóxicos e cancerígenos da fumaça de produtos de tabaco (fumantes passivos) têm risco de desenvolver câncer, doenças cardiovasculares, entre outras.

Não existem níveis seguros de exposição nem sistema de ventilação capaz de reduzir os riscos a patamares aceitáveis. Ganham os trabalhadores e trabalhadoras especialmente de bares e restaurantes. Ganha o sistema de saúde brasileiro. Países e cidades que adotaram essas recomendações já registraram redução significativa do número de internações por doenças cardiovasculares.

Outra importante conquista para o Brasil se deve à total proibição da propaganda de produtos de tabaco que até então ainda era permitida nos pontos de venda. Somada à limitação da exibição das embalagens a mostruários acompanhados de advertências sanitárias e à proibição do uso de palavras, símbolos, desenhos ou imagens nas embalagens que possam ser associadas a atributos positivos como bem-estar ou virilidade, a medida contribui sobremaneira para reduzir o poder desse mercado de seduzir crianças e adolescentes, principal alvo dessas estratégias. Em documentos internos de companhias de tabaco, as propagandas, as embalagens e os sabores adocicados dos cigarros são descritos como estratégias centrais para captar jovens para o consumo desses produtos em substituição dos fumantes que largaram o hábito ou morreram e assim garantir um plantel estável de consumidores. Uma estratégia fundamental para a rentabilidade do negócio!

Alguns vão dizer que a medida é uma intervenção do Estado sobre as liberdades de escolha. Estado babá? Não, Estado responsável. O decreto regulamenta a promoção de um produto que causa dependência química e cujo consumo se inicia na infância e adolescência; um produto que mata um em cada dois de seus consumidores. Regulamenta a comercialização de um verdadeiro veneno que ao longo de décadas tem sido disfarçado em falsas imagens positivas, cores e sabores atrativos. Uma verdadeira arapuca armada pelo fabricante para capturar nossos jovens. No Brasil, 80% dos 24 milhões de fumantes aderem ao hábito antes dos 18 anos. E a cada ano cerca de 19% de crianças e adolescentes entre 13 e 15 anos experimentam cigarros.

Se o Estado não protege suas crianças e adolescentes dessas práticas de mercado predatórias, quem protegerá? Alguns dirão que são as famílias e as escolas as responsáveis. Mas como as já sobrecarregadas famílias e professores podem competir com os melhores marqueteiros a serviço desse negócio? Como evitar que o futuro de nossas crianças e adolescentes seja compor mais um número das estatísticas de 130 mil mortes anuais de brasileiros e brasileiras acometidos de doenças causadas pelo tabagismo? E como reduzir o ônus e o sofrimento que o tabagismo causa à sociedade brasileira?

O decreto é a tradução do dever do Estado de implementar políticas que reduzam riscos de doenças e preservem a saúde, um direito fundamental do ser humano.

TÂNIA CAVALCANTE, 56, é secretária-executiva da Conicq, comissão nacional responsável por articular a implementação da agenda de controle do tabaco. **LUIZ ANTONIO SANTINI**, 68, é diretor-geral do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (Inca). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Copa & cozinha (FREI BETTO)

EM MANIFESTAÇÃO de rua em São Paulo, um homem maltrapilho segurava um cartaz: "Sou morador de rua. Quero Copa... cozinha, banheiro, sala, quarto e tudo que tenho direito". Estamos às vésperas da Copa do Mundo. Recebemos visitas em uma casa que ainda não está devidamente arrumada. Estádios são maquiados para disfarçar obras inacabadas e aeroportos se parecem com praças de guerra, tamanha a poeira e os ruídos.

Se a sala da Copa ainda exige faxina, na cozinha o caldeirão ferve. O governo tem o azar de a Copa coincidir com o ano eleitoral. E demonstra que não aprendeu a lição das manifestações de rua na Copa das Confederações, em 2013.

Aquelas foram manifestações pacíficas, mobilizadas pelas redes sociais e "acéfalas": sem discursos, partidos, siglas embandeiradas e propostas. Apenas protestos. A opinião pública deu amplo apoio enquanto elas se mantiveram imunes aos provocadores que, ao depredar os patrimônios público e privado, jogaram parcela considerável da população contra os manifestantes.

Marx já advertira os operários, no século 19, que de nada adiantava quebrar máquinas de fábricas. A luta não é contra os patrões, é contra o sistema, dizia ele. Contudo, ainda hoje o esquerdismo perdura como "doença infantil do comunismo", como diagnosticou Lênin, e a repressão policial se infiltra para desvirtuar os protestos.

O governo erra ao não dialogar com os movimentos sociais, em especial os da juventude. Parece não perceber o paradoxo: fez-se inclusão social, por meio de políticas sociais e medidas "contracíclicas", mas não se promoveu inclusão

política. Por mais espantoso que soe, esses 12 anos de governo petista, sustentado por um esdrúxulo balaio de alianças, foram despolitizantes. Nutriram o bolso, não a consciência crítica.

É fato que o governo favoreceu o acesso do povo a bens pessoais. Qualquer barraco de favela contém geladeira, TV, máquina de lavar e telefones celulares. Desonerou-se a "linha branca", congestionaram-se as ruas de carros graças ao crédito facilitado. O que parecia um avanço resultou em equívoco. E os bens sociais? As manifestações pedem educação, saúde, transporte público e segurança "padrão Fifa".

O processo de "aceleração do crescimento" deveria ter feito o percurso inverso, a exemplo da Europa Ocidental a partir da Revolução Industrial. Primeiro, educação de qualidade, sistema de saúde socializado e adequado, saneamento, metrô e ferrovias. O que favoreceu o acesso aos bens pessoais, malgrado as duas guerras que afetaram o Velho Continente.

O PT não chegou ao Planalto graças à "Carta aos brasileiros" endereçada aos banqueiros e empresários. Chegou pela acumulação de forças dos movimentos pastorais, sociais e sindicais ao longo de 24 anos (1978-2002). Não soube, porém, administrar esse capital político. Isolou-se no Planalto sem dar ouvidos à planície. Abandonou o trabalho de base, a ponto de já não dispor de militância voluntária em períodos eleitorais e se ver obrigado a remunerar jovens desocupados para segurar cartazes nas esquinas...

Agora, a cozinha invade a Copa. Tomara que o governo não troque as bolas pelas balas. Vamos torcer pelo Brasil! Para que vença a Copa e saiba ouvir o clamor da cozinha, cujos manifestantes, na falta de canais políticos confiáveis, aprenderam que governo é que nem feijão, só funciona na panela de pressão.

CARLOS ALBERTO LIBANIO CHRISTO, o Frei Betto, 69, é assessor de movimentos sociais e escritor, autor de "Um Homem Chamado Jesus". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Brigas na adolescência (ROSELY SAYÃO)

TIVE uma conversa com uma jovem mãe, muito comprometida com a sua função e muito bem-humorada. Ela tem três meninos, hoje entre 7 e 12 anos, e um marido com quem compartilha todas as tarefas domésticas e compromissos com os filhos. "Sou uma sortuda", costuma dizer ela, ao explicar que o marido não a ajuda apenas; ele se responsabiliza junto com ela por tudo o que diz respeito à vida familiar.

Os meninos adoram futebol, como o pai, e ela sempre achou muito saudável a relação entre os quatro, mediada pelo esporte. As crianças e o pai torcem para times diferentes, e isso sempre foi motivo para brigas de faz de conta, provocações e piadas entre eles. Pelo menos até agora. Surgiu um problema que tem se agravado com a proximidade da Copa, porque o filho mais velho agora tem levado as discussões sobre futebol com muita seriedade. Por esse motivo, ele e o pai têm entrado em confrontos nada saudáveis, na opinião da mãe. "Antes, em casa, havia três crianças e um homem. Agora, há duas crianças e dois moleques", arrematou ela.

Mas é assim mesmo: ao final da infância, os filhos mudam e isso significa, para os pais, o estabelecimento de outro tipo de relação com eles. As brigas dos pais com os filhos que são crianças resultam principalmente de teimosia e de desobediência, não é? Já com os filhos adolescentes ou quase lá --o filho de nossa leitora tem quase 13 anos--, resultam de tomadas de posição dos jovens. Nesse período, os filhos precisam descobrir quem são eles a partir de então, como se posicionam frente ao mundo e às coisas da vida, o que pensam etc. E, inicialmente, a maneira que encontram para inaugurar esse processo é fazendo oposição aos pais.

Você conhece, caro leitor, a expressão "aborrescente"? Ela, provavelmente, foi criada por adultos que não tiveram sensibilidade para compreender o processo da passagem do filho da infância para a adolescência. Nesse momento, os jovens vivem uma crise, que pode ser muito produtiva para eles se os pais bancarem essa nova fase. E, para isso, é preciso muita maturidade. É que não é mesmo fácil superar todos os questionamentos que eles fazem em relação a tudo, nem a aparente arrogância - um modo que eles têm de se proteger de toda a insegurança que sentem--, a teimosia permanente, a instabilidade e a impulsividade. Mas é justamente por isso que eles precisam de um ambiente familiar acolhedor e seguro para tudo o que vivem.

Sim, eu sei que, no cotidiano, isso pode se transformar em um clima infernal, o que parece estar acontecendo entre o pai e o filho mais velho de nossa leitora. O filme "Aos Treze" mostra isso muito bem. Mesmo assim, é preciso lembrar constantemente que os pais devem ser os adultos dessa relação. Reagir às provocações dos filhos no mesmo tom deles transforma um conflito de gerações em confronto de iguais, o que, aliás, essa mãe percebeu muito bem. E isso não ajuda o filho nessa busca de seu novo lugar, na família e no mundo.

É preciso saber de antemão que, mesmo bancando com firmeza e leveza esse período da vida do filho, que mesmo investindo no diálogo e na negociação, que mesmo adotando uma atitude compreensiva, os pais enfrentarão a oposição dos filhos e, em muitos momentos, viverão percalços no convívio. Mas esses são os ossos do ofício, não é mesmo?

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

As dores da Copa (CAIO BLAT)

UMA PESQUISA revela que os brasileiros estão divididos ao meio, 51% são a favor da Copa e 49% são contra. Evidentemente, vai ter Copa, e vai ter protesto, e é bom que seja assim. A pergunta que cabe agora é: como conciliar as duas coisas?

Muito se refletiu sobre a onda de manifestações que explodiu pelo país um ano atrás, embalada pela repressão violenta contra o Movimento Passe Livre (MPL). Artistas pintaram o olho de roxo, Caetano Veloso vestiu um capuz. Na esteira vieram os professores, os garis, os aeroviários, os metroviários... e também muita depredação e violência. Os governantes assistiram atônitos. Jornalistas e sociólogos esforçaram-se em identificar o elo que poderia unir tantos gritos dissonantes, o sentimento forte e difuso de indignação do brasileiro. Eu também me arrisco num palpite.

Nosso país está amadurecendo, saindo de um estado infantil de paternalismo, desde que foi testemunha envergonhada de uma ditadura que calou todas as vozes e deixou marcas profundas, passando pelo nascimento de uma democracia frágil, bebê, que acreditou em "caçadores de marajás", salvadores da pátria e até na "mãe do PAC". E agora passa por uma espécie de adolescência, fase de rebeldia e autoafirmação, exatamente porque precisa se livrar dos "pais". Por isso a rejeição a todos os partidos, às instituições de poder, à polícia e a toda forma de repressão. Essa crise brutal da representatividade é desejo de autonomia. Nesse contexto, as redes sociais são a ferramenta ideal. A liberdade que a internet trouxe torna todos iguais. Qualquer cidadão pode ter sua conta no Facebook, Instagram, Twitter, e expressar-se sem intermediários.

Porém, o êxtase da liberdade carrega a semente de uma velha doença: o maniqueísmo, na forma desse flá-flu que têm se tornado os debates nacionais. O grito de "não vai ter Copa" é tão histérico quanto a euforia dos fogos em Copacabana quando o Brasil foi escolhido para sediar o mundial. Os mesmos espíritos exaltados que quebram os estádios, no dia seguinte, colecionam figurinhas da Copa e, provavelmente, vão assistir aos jogos escondidos. Como os comunistas que torciam para a Tchecoslováquia em 1970 e vibraram quando o Brasil virou o jogo. Vai ter Copa, sim. E vamos torcer e soltar rojões se o Brasil for campeão. E vamos usar a mesma camisa para nos juntarmos ao protesto do lado de fora dos estádios, num ato de patriotismo completo. Se possível, sem quebra-quebra, sem violência, com respeito aos turistas, delegações estrangeiras e famílias que forem aos jogos. Aliás, os próprios manifestantes deveriam isolar os vândalos para evitar o confronto com a polícia, como aconteceu pontualmente no ano passado.

E perceber que a verdadeira oportunidade de mudar o país vem logo depois da Copa, nas eleições. Evitando mais uma vez o maniqueísmo de defender com unhas e dentes o partido A ou o partido B, uma vez que o melhor mesmo para a democracia é a alternância do poder e uma oposição atuante.

E depois ainda voltar do jogo e do protesto e arregaçar as mangas, melhorar a sua casa, a sua rua, o seu trabalho. Ser você mesmo a mudança que você quer ver, dia após dia. Lembrando que os olhos do mundo vão continuar voltados para o Brasil até a Olimpíada de 2016, quando poderemos ter outra oportunidade de torcer e cobrar, dando o nosso show de alegria e maturidade.

CAIO BLAT, 34, é ator. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Junho de 2014.

Torcer por quê? (CONTARDO CALLIGARIS)

COMEÇA a Copa. Vamos torcer? Tudo bem, mas para o que serve?

1) Dizem que a torcida sustenta o esforço dos atletas. Por isso, jogar em casa é uma vantagem: o público estimula o time de casa. Nos meus dias de esporte competitivo, lutei numa final nacional contra um suíço-alemão, de Berna. A luta era em St. Gallen, também suíça-alemã, e eu representava Genebra, suíça-francesa. A cada vez que o bernês me acertava, o público inteiro gritava "Schön!" (bonito). Eu não gostava, embora essas manifestações hostis não tenham me desmotivado (talvez elas tenham até funcionado como um incentivo). Seja como for, o efeito da torcida na atuação dos atletas só vale ao vivo.

2) Para o que serve, então, torcer diante da televisão? O primeiro jogo ao qual eu assisti foi em Milão, San Siro; era o Milan contra o Benfica. Não era a final da Copa Europa de 1963, que o Milan ganhou e que foi jogada em Londres, estádio de Wembley. O jogo em San Siro começou com um gol de Altafini; eu e meu irmão estávamos atrasados, ainda subindo pelo caracol das tribunas: não vimos nada, só ouvimos o grito da torcida. Problema: meu time marcou porque eu estava chegando ou porque eu ainda não tinha chegado? Assim que me instalei no meu assento, o Milan começou a apanhar. Deduzi que o time ganharia se eu reproduzisse a situação do primeiro gol, ou seja, se eu ouvisse sem olhar. Passei o jogo de olhos fechados.

O Milan ganhou, e, para mim, ficou difícil ir ao estádio. Podia escutar o jogo no rádio, mas assistir ao jogo na televisão, que efeito isso teria? Era impossível dizer, porque as variáveis são infinitas. Por exemplo, eu assisti ao jogo e o time ganhou, mas é porque a tia Maria também estava lá ou por causa da comida que encomendamos. Quero ver o time ganhar se a tia não estiver lá e se a gente pedir pizza de frango. A torcida à distância sempre tenta descobrir as condições de seu poder mágico. De fato, torcer à distância só tem um efeito: o de alimentar a fé do torcedor na sua possibilidade de influenciar o mundo.

3) Em geral, torcer é mais importante para o torcedor do que para o resultado do jogo. Na minha infância, em Milão, ser Milan ou ser Inter era uma identidade social quase indispensável. Tinha que ser alguma coisa, e fui Milan porque meu irmão era Milan.

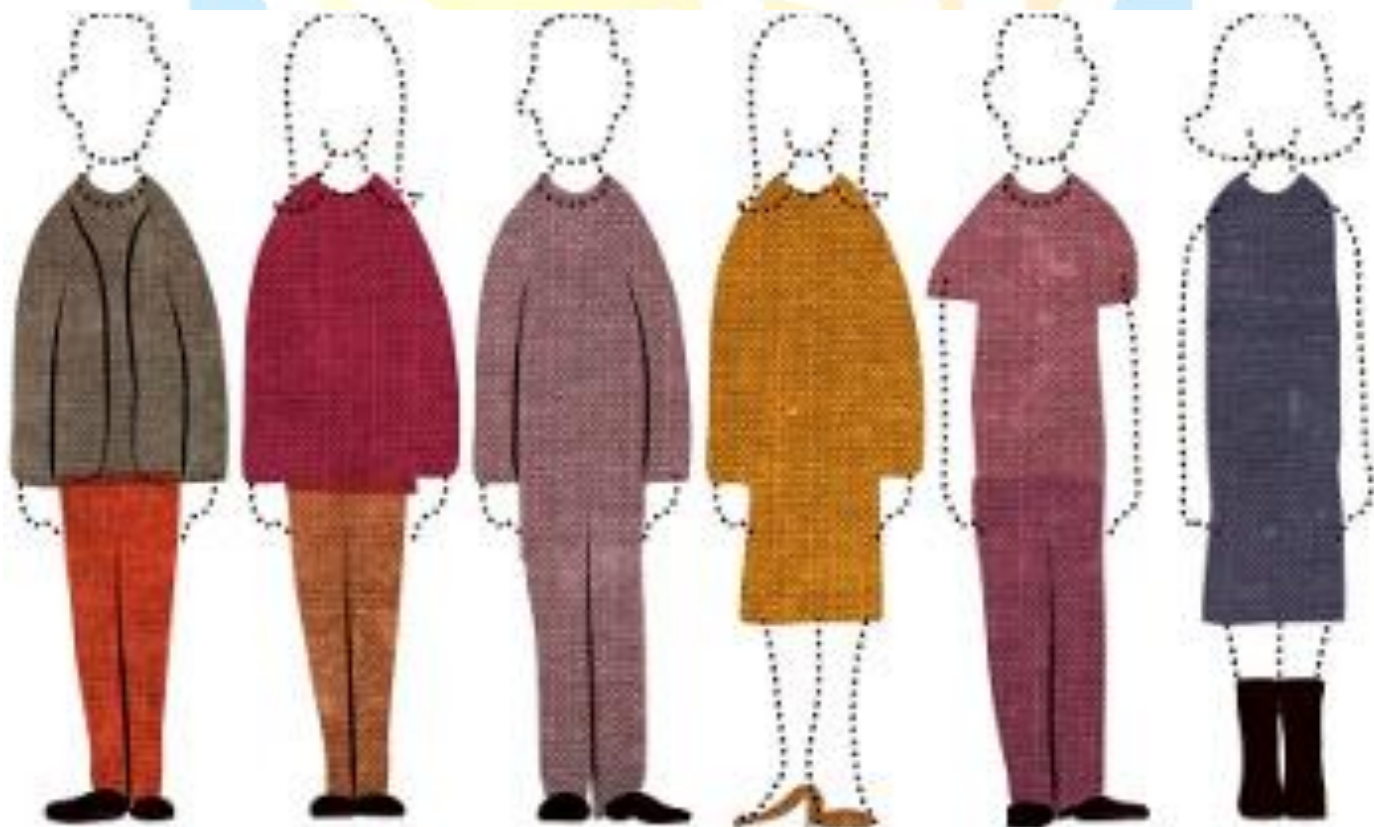
Essa identidade, que parecia útil na infância, foi atropelada na adolescência. A partir dos meus 12 anos (anos 1960), ler Camus era uma identidade social básica muito mais necessária e poderosa do que torcer por um time. A cultura, a singularidade do pensamento, uma certa densidade interna, isso tudo era sexy. Usar uma camiseta de futebol, ao contrário, era o jeito certo de se condenar à irrisão pelas meninas, à solidão e à abstinência (cá entre nós, as mulheres sempre subestimam sua capacidade de civilizar os homens). Era uma bola de neve: talvez você começasse a ler e a pensar seriamente para merecer um olhar que revelasse interesse e desejo, mas, uma vez que você tivesse se "alfabetizado", torcer se tornava impossível. O que a torcida, com sua adesão cega, tinha a ver com o trágico, o espírito crítico, o risco de viver -- essas coisas que faziam o charme da nossa vida?

4) Alguém perguntará: vocês não torciam nem pela seleção de seu país? Não; pela seleção, torcíamos menos ainda. A ideia de nação, naquele começo dos anos 1960, era francamente suspeita. Como assim, você não amava seu país? Claro que não. Mesmo hoje, amo pessoas específicas, línguas, culturas --não países. O país inclui corruptos, idiotas, fascistas, caretas - o que eu tenho a ver com isso? Eventualmente, tenho carinho por nações que representaram (e, às vezes, ainda representam) ideias que defendo, e é só.

Uma citação famosa de Samuel Johnson diz que "o patriotismo é o último refúgio dos canalhas"; o ministro Aldo Rebelo (**Folha** de 14/5) quis mostrar que Johnson criticava o falso patriotismo e, por isso, lembrou que ele, em seu dicionário, define o patriota como "aquele que privilegia o amor ao seu país". Eu não vejo contradição alguma: o que significa "privilegiar o amor a seu país"? Colocá-lo acima de quê? De critérios morais? De valores universais? Da liberdade dos cidadãos de outros países? E alguém faria isso para o quê, se não para justificar uma patifaria? Nota: esta coluna é dedicada aos amigos que me perguntam por que país eu vou torcer na Copa.

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Causas justas, salários baixos (FUNNY DARBOS e MATTHIEU HÉLY)



Ganhar a vida servindo a um ideal: esse sonho conduz os empregados de associações e cooperativas a aceitar, com frequência, a precarização e uma remuneração modesta. Mas até que ponto?

“**TRABALHAR** de outro jeito”, “reconciliar capital e trabalho”, “recolocar a economia a serviço do homem”: tais são as palavras de ordem gritadas há mais de um século pelas associações que se reclamam, assim como as empresas cooperativas e mutualistas, parte da tradição histórica da economia social e solidária (ESS). Por sua própria existência e modo de funcionamento, todas pretendem encarnar uma alternativa à organização capitalista das relações sociais de produção.

As noções de democracia interna e de interesse coletivo (ou com finalidade social), assim como a ideia de não lucratividade, figuram nos fundamentos dos estatutos dos órgãos da ESS. Num contexto em que a imposição da competitividade e da rentabilidade não para de fazer que o mundo do trabalho retome sua origem semântica – do latim *tripalium*, um instrumento de tortura –, esse “terceiro setor” aparece cada vez mais como um oásis protetor. Nesse universo, que emprega cerca de 2,3 milhões de pessoas na França (ou seja, cerca de 10% dos assalariados),¹ devemos, como nos lembra o lema das câmaras regionais da economia social (Cres), “trabalhar de outro jeito”.

Com a multiplicação dos conflitos sociais dentro do setor nos últimos anos na França, porém, o momento não parece ser de reconciliação: greve dos conselheiros da Associação Geral da Educação Nacional (MGEN) em 2009, seguida da inédita paralisação dos trabalhadores do Emmaüs [associação que vende a preços baixos roupas e objetos doados – N.T.] em março de 2010, que provocou um ano depois a demissão de um sindicalista. No início de 2012, foi a vez de os trabalhadores da Federação de Ajuda a Domicílio no Meio Rural do Finistère (ADMR 29) entrarem em greve.²

Outro exemplo: em janeiro de 2013, na região de Essonne, funcionários da associação da educação em ecologia SoliCités denunciaram situações de estresse e assédio. Alguns pararam de trabalhar; outros pediram licença de saúde. Um processo na justiça do trabalho está em andamento. Enfim, último grande movimento na pauta, os trabalhadores da Aides, associação de luta contra o HIV, mobilizados desde dezembro de 2013 contra um “plano de resgate do emprego” que prevê a supressão de 65 dos 460 cargos, celebraram o dia de São Valentim de 2014 com uma jornada de paralisação.

Com algumas exceções, as condições de trabalho e emprego da ESS não têm nada de exemplar. Qualquer que seja a categoria socioprofissional, o salário é inferior aos do setor privado. Isso é particularmente verdade no meio associativo, principal empregador da ESS, com 78% dos assalariados, ou seja, 1,8 milhão de pessoas: o salário é 17% inferior ao observado no setor mercantil.³ E os contratos precários e de meio período são duas vezes mais numerosos.⁴

Os que se juntam ao terceiro setor esperam algo diferente daquilo que geralmente encontraram no mundo empresarial. No papel, a concordância com os princípios e atos constitui a marca da ESS: existem ali assembleias gerais (AGs) que têm um papel de instâncias de decisão democráticas e soberanas, segundo a regra “uma pessoa, um voto”; uma gestão desinteressada, sem hierarquia formal etc. Esses princípios suscitam nos trabalhadores expectativas muito elevadas. Muitos aspiram a conciliar sua atividade profissional com uma “busca de sentido”, ou, em outras palavras, viver ao mesmo tempo *da e para* a causa que servem.

Esses modos de funcionamento se traduzem por estatutos jurídicos particulares, em geral reforçados por cartas ou regulamentos internos que lembram sua importância. Mas, na realidade, um abismo separa os princípios dos usos. Assim, a participação efetiva dos trabalhadores no sistema de decisão depende frequentemente de seu peso numérico e/ou simbólico. Além disso, como lembra Vincent R.,⁵ que trabalha em uma associação cultural, as instâncias democráticas de decisão não são as únicas que regem a vida das organizações associativas, mutualistas e cooperativas: “A associação emprega cinco funcionários, e quase ninguém vai às AGs: aquilo que nos diz respeito diretamente é decidido pelo diretor e pelo conselho de administração. Mesmo que fôssemos muitos, os membros da associação não têm condições de resolver nossos problemas sobre as horas extras não pagas. Ademais, lembram-nos regularmente que, por um lado, a associação está à beira da falência – o que é verdade – e, por outro lado, que estamos em um trabalho militante. Evidentemente! Eu sei muito bem que isso é bem diferente de vender crédito *revolving*.⁶ Faço meu trabalho imaginando que ele serve ao interesse comum; eu o escolhi por isso. Mas sou um trabalhador, não um voluntário!”.

Os contratos precários e o baixo nível das remunerações tornam vaga a fronteira entre trabalho e voluntariado, instaurando uma névoa na relação entre o trabalhador que ajuda e o usuário ajudado. “Não podemos ser mais precários do que o público que acolhemos”, resume um membro da intersindical de Emmaüs. O consentimento ao trabalho não ou pouco remunerado em nome de um engajamento militante se explica pela convicção em fazer viver uma “outra economia”. Mas essa crença se revela cada vez menos fundamentada. Muitas pesquisas⁷ mostram, assim, a importação das práticas do gerenciamento privado no seio da ESS, por meio do recrutamento de jovens diplomados geralmente vindos das escolas de administração.

A adoção de normas administrativas, como a passagem à contabilidade analítica ou à prática do *benchmarking*,⁸ resulta tanto de decisões internas como de incitações externas levantadas por agentes privados e públicos. Assim, lançando um chamamento de projetos para a abertura de uma estrutura de acolhida destinada a jovens que sofrem do mal de Alzheimer, uma coletividade territorial como o Conselho Geral de Isère não teve nenhum escrúpulo em precisar que o promotor deverá “otimizar sua massa salarial seja adaptando as condições de remuneração [...], seja as classificações convencionais (privilegiar auxiliares médico-psicológicos, auxiliares de enfermagem e auxiliares de vida para a maioria do quadro de funcionários). O empregador poderá vantajosamente se limitar a uma aplicação parcial das convenções coletivas do setor médico-social”.⁹

Os trabalhadores do mundo associativo começam a exigir serem reconhecidos como verdadeiros trabalhadores. No dia 7 de abril de 2010, eles fundaram, sob o nome de Asso, um primeiro sindicato que unifica também os voluntários, os

estagiários, os intermitentes, os contratos-auxílio etc. Desde 2012, ele está afiliado à Union Solidaires. “Pensamos que é necessário hoje propor uma organização sindical que responda à especificidade do setor associativo, ligada ao engajamento de seus funcionários e de seus trabalhadores, para além do campo profissional da associação”, explicam seus fundadores. Sua ambição? “Chegar a uma convenção coletiva adaptada às especificidades do setor associativo.”¹⁰ Quatro anos depois, o objetivo ainda não foi atingido, mas as fileiras do Asso não param de crescer.

1 Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos. Disponível em: www.insee.fr.

2 “Finistère: l’ADMR 29 met la clef sous la porte” [Finistère: a ADMR 29 coloca a chave na porta], *Les Échos*, Paris, 11 maio 2012.

3 “Eventail des salaires mensuels nets des salariés à temps complet, 2006” [Relação dos salários mensais líquidos dos trabalhadores em tempo integral, 2006], gráfico, em *Les salariés de l’économie sociale: un profil particulier* [Os assalariados da economia social: um perfil particular]. Disponível em: www.insee.fr.

4 Cf. Matthieu Hély, *Les métamorphoses du monde associatif* [As metamorfoses do mundo associativo], Presses Universitaires de France, Paris, 2009.

5 Esse trabalhador deseja preservar seu anonimato.

6 Forma de crédito ao consumo que leva frequentemente ao superendividamento.

7 Cf. principalmente Sylvain Lefèvre, *ONG et compagnie. Mobiliser les gens, mobiliser l’argent* [ONG e companhia. Mobilizar as pessoas,

FUNNY DARBOS e MATTHIEU HÉLY são, respectivamente, mestre de conferências em Sociologia da Universidade de Nantes e mestre de conferências em Sociologia da Universidade Paris X. *Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE*, Junho de 2014.

Eletrizados... Pela nação (DÉBORA CRIVELLARO)

Torcida brasileira dá espetáculo na largada da Copa do Mundo no País, embala a vitória da Seleção e mostra que será a grande protagonista deste Mundial



FALTAM cerca de 30 minutos para o início da festa de abertura da Copa do Mundo e dona Irene está recostada na bancada do banheiro feminino, no terceiro andar da Arena São Paulo. Enquanto reclama da água rarefeita das torneiras, a auxiliar de limpeza comenta que, apesar de estar tão perto da celebração, não poderá assistir ao espetáculo que acontecerá a poucos metros dali e será visto por milhares de pessoas ao vivo e 3,5 bilhões pela tevê. “O encarregado não nos deixa sair daqui”, diz ela, para logo depois abrir um sorriso confiante. “Mas vou dar um jeitinho, afinal, sou brasileira.” O orgulho e a alegria de dona Irene são os mesmos que contagiaram a população nos últimos dias e culminaram com o ensolarado 12 de junho de 2014. Tão ansioso e tão temido. Nestes sete anos de preparação para o Mundial no Brasil, o País foi açodado por críticas – pertinentes – de mau uso dos recursos públicos e de

construção de obras de utilidade duvidosa. O período de preparação da competição terminou, aos 47 minutos do segundo tempo, para usar o jargão do futebol, com menos da metade do que foi programado entregue. E o mês de junho, exatamente um ano depois das manifestações históricas de 2013, em que se questionava, entre outras coisas, a validade da Copa no Brasil, chegou com o gosto amargo da dúvida: como a população acolherá este Mundial? Se havia alguma incerteza, ela foi completamente dissipada nos primeiros raios da manhã da quinta-feira 12, quando o País acordou verde e amarelo para receber e se exibir para o mundo.

MATURIDADE - Empurrado pelos 62 mil torcedores presentes à Arena São Paulo, que não pararam de incentivar, o time de Felipão conseguiu reverter o placar desfavorável

A cidade de São Paulo, temida pela Seleção Brasileira pela decantada impaciência da torcida, deu o pontapé inicial na competição e foi a capital da abertura. Tudo fluiu muito bem, apesar dos problemas, que não foram poucos (leia na pág. 60). Nas primeiras horas da manhã, nos arredores da Arena São Paulo, no bairro de Itaquera, praticamente uma cidade com mais de 200 mil habitantes na zona leste da capital paulista, os moradores enfeitavam as ruas, à espera do grande jogo. Um pouco em cima da hora, é verdade, como que esperando para ver se a Copa ia acontecer mesmo. Apesar de as portas do estádio só abrirem às 13 horas, os felizardos que portavam ingressos para Brasil x Croácia começaram a se dirigir para a Arena por volta das 10 horas. Cerca de 90% das 62 mil pessoas que assistiram à partida ao vivo optaram pelo transporte público, segundo a Secretaria de Transportes Metropolitanos – o “Expresso da Copa”, que saía da Estação da Luz e demorava apenas 19 minutos, ou o metrô, que desembocava na estação Arthur Alvim. A festa já se iniciava no trajeto. Em cada torcedor, um sorriso colado ao rosto, como se ainda não acreditassem no que estava por vir e eles teriam o privilégio de presenciar. Sessenta e quatro anos depois da primeira edição, em 1950, iria começar uma Copa do Mundo no país do futebol.



FESTA - A torcida não parou um só minuto durante o jogo de abertura. A alegria de sediar um Mundial depois de 64 anos estava presente no rosto de todos

A massa verde e amarela chegava às portas da Arena São Paulo e, sem se importar com o forte calor que fazia, confraternizava com os torcedores de outras nacionalidades, que, muitas vezes com dificuldade, mas contaminados pelo bom humor dos brasileiros, se esforçavam para se comunicar. Valia de tudo: faixa com escritos em português, fantasias ou algum símbolo da Seleção nacional. “Em meia hora, fiz amizade com holandeses, argentinos e uruguaios”, dizia o administrador Felipe dos Santos, 24 anos, de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, que iria assistir ao jogo com um grupo de amigos. Havia pequenos grupos de samba, muita gente caracterizada e até um boneco do argentino Maradona com a bandeira do Brasil. Muita gente ainda tentava comprar ingresso para o jogo, em vão. Nada tirava o humor da multidão. Nem quando os portões se abriram e as filas, para as lanchonetes, por exemplo, começaram a se avolumar. Nem as falhas de sinalização de assento. Nada. “Hoje tudo é festa, fico o tempo que for aqui, numa boa”, falava a carioca Silvia Fernandes, 39 anos, que veio ao jogo com o marido e um casal de amigos e esperava pacientemente na quilométrica fila de uma das lanchonetes para ser atendida. Os torcedores presentes, que representavam todos os brasileiros, tinham se colocado no papel de anfitriões. E anfitrião não reclama, contorna os problemas e acolhe os convidados.



ESTRELA - Neymar beija a bola diante do juiz japonês Yuichi Nishimura: dois gols já na estreia



UMA SÓ VOZ - Hulk, Luiz Gustavo, Fred, Paulinho e David Luiz: "Hino Nacional" à capela imprimiu ainda mais emoção à festa

Deu 15h15, começou a celebração de abertura, protocolar e despretensiosa como é de praxe em Copas do Mundo, e a Arena ainda não estava completamente cheia. Até que a organização desmontou a parafernália do cenário e, finalmente, surgiu o gramado, o verdadeiro palco da festa. Minutos depois, aparecem os três goleiros da Seleção – Jefferson, Victor e Júlio César – para se aquecer. Neste momento, a mística da torcida nacional, aquela capacidade de emocionar e provocar arrepios que só o brasileiro é capaz de produzir, entrou em cena. Os três jogadores foram ovacionados pelo público, insistentemente. Comovidos, se abraçaram demoradamente, num gesto

que provocou uma aclamação ainda maior. Começava ali o show da torcida brasileira, o maior legado que essa Copa irá deixar. Para nós e para o mundo.



RITUAL - Jogadores inauguraram uma nova forma de entrar em campo nesta Copa: em fila, com a mão no ombro

Quando a Seleção Brasileira finalmente entrou em campo, todos em fila indiana com a mão nos ombros, inaugurando um novo ritual, os olhos marejados dos jovens jogadores entregaram que os vestiários não ficaram imunes à emoção das arquibancadas. O capitão Thiago Silva estava chorando. Depois explicou por que estava tão emocionado. "Foram minhas as palavras finais e pedi ao grupo para jogarmos por nosso técnico, que havia perdido dois parentes queridos nos últimos dias." Não à toa, Neymar correu para Luiz Felipe Scolari para comemorar seu primeiro gol. A temperatura subiu definitivamente na hora do "Hino Nacional" brasileiro. Milhares de pessoas, vestidas com as cores do País, a mão no peito, os olhos fechados, e cantando, da forma mais potente que conseguiam, o hino à capela. Até o mais gélido croata derreteu nesse momento. Nos dois telões do estádio, as câmeras se detinham no rosto dos jogadores e passeavam pelo público das arquibancadas. A emoção era uma só. No gramado, os 11 perfilados, a comissão técnica, a enorme torcida, os telespectadores da tevê, os frequentadores das festas espalhadas pelas cidades brasileiras. Todos com uma enorme sensação de pertencimento e orgulho. A Copa havia dado certo, sim. Manifestações violentas eram sufocadas pelos gritos de "sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor".



POLÊMICA - Fred cai e o árbitro marca um pênalti duvidoso. Alheios, os jogadores e as arquibancadas vibram



Eletrizada pela torcida, embalada pela emoção, a Seleção não desmoronou quando, aos 10 minutos do primeiro tempo, o lateral Marcelo fez um gol contra, inaugurando o placar do Mundial para a Croácia. Maduro, o time de Luiz Felipe Scolari, capitaneado pelos jovens Neymar e Oscar, ambos de 22 anos, os melhores em campo neste jogo de estreia, resistiu à pressão até o gol do camisa 10 e astro do time, aos 29 minutos.

Durante esses longos 19 minutos de placar desfavorável, a torcida lançava gritos e hinos de apoio, numa manifestação constante de confiança. Ao contrário do que fez com a presidente Dilma Rousseff e os representantes da Fifa presentes (leia na pág. 56). Veio o intervalo, o segundo tempo, Fred caiu na área aos 23 minutos, o árbitro japonês Yuichi Nishimura enxergou um pênalti e Neymar converteu.

A Arena explodiu em festa com a vitória parcial. Carregado pela vibração do torcedor o time fez 3x1, com Oscar. A tônica do jogo foi a emoção. Ao marcar, o jovem meia do Chelsea (ING) se jogou no chão e caiu no choro. Pai recente, e alvo de muitas críticas por suas últimas atuações, ele comemorava sua redenção nos braços da torcida.

VIBRAÇÃO - Torcedores comemoram o terceiro gol do Brasil na Fun Fest armada em Copacabana (RJ): 17 mil pessoas estavam presentes

O papel das arquibancadas foi tão decisivo que, durante a tradicional coletiva de imprensa pós jogo, Felipão pediu a palavra para elogiar. "Os torcedores que estiveram aqui foram fantásticos, incríveis... Foi inacreditável o apoio que recebemos em São Paulo", afirmou, em mais uma declaração que confirmava o que até o mais pessimista enxergou: O 'Dia D' da Copa foi um sucesso.

E irá deixar saudades. Enlevados pelo que haviam acabado de presenciar, centenas de torcedores que haviam assistido à partida na Arena São Paulo entoavam o hino nacional nos vagões da estação Bresser-Moooca do metrô. Essa será a tônica deste Mundial. Super craques em campo, grandes embates, jogos emocionantes, surgimento de novos ídolos, seleções muito bem armadas. Mas, o maior espetáculo virá das arquibancadas e do povo nas ruas. (Em tempo: Dona Irene, a auxiliar de limpeza, conseguiu assistir ao jogo...)



TORCEDOR DE COPA

Mulheres com blusas de paetês, maquiagem, salto alto, calças justas. Muitos casais. Famílias inteiras com filhos pequenos. Pessoas com fantasias insólitas tiram várias fotos, principalmente com as crianças. Clima de festa,

confraternização. Todos são amigos, até o torcedor do time adversário. Quando o jogo começa, tudo também é motivo para comemorar. Até quando o zagueiro atrasa a bola para o goleiro. Torcedores que vão a jogos de Copa do Mundo são com-

pletamente diferentes daqueles que frequentam regularmente estádio de futebol para acompanhar seus times. Menos coléricos e apaixonados do que os habitués, muitos deles estão assistindo a um jogo ao vivo pela primeira vez. E não pretendem continuar a fazê-lo depois.

Até pelo preço alto dos ingres-



sos, a frequência é formada por pessoas de classe média e uns poucos fanáticos, que fazem loucuras – e dívidas – para ver sua seleção jogar. Há muito mais mulheres do que de costume. No jogo da quinta-feira 12, na Arena São Paulo, a população feminina era praticamente metade do

estádio. O visual é uma grande preocupação. Perucas coloridas, camisetas customizadas, sapatos com as cores das seleções, brilhos. A rivalidade, presente nos campeo-

natos regionais, salvo raras exceções, como Brasil x Argentina, também passa ao largo. Então, o que se vê é um público menos preocupado com regras, táticas e técnicas e mais concentrado na celebração de torcidas e nações que costuma ser um Mundial de futebol.

DÉBORA CRIVELLARO é Jornalista e escreve para esta publicação. Foto: João Castelano/Ag. Istoé, Vanderlei Almeida/AFP Photo; Buda Mendes/Getty Images; Frederic Jean/Ag. Istoé, Adrian Dennis/AFP Photo; Silvia Izquierdo/AP Photo. **Revista ISTO É, Junho de 2014.**

Com Neymar, na saúde e na doença

(CRISTIANE SEGATTO - TEXTO, E NATHALIA TAVOLIERI - VÍDEO)

O Brasil da Copa e o dos hospitais, segundo os pacientes do maior centro de tratamento de câncer da América Latina

NEYMAR não sabe, mas quando tocou a bola com o pé esquerdo e marcou o primeiro gol do Brasil, ele devolveu a alegria a um rosto que não combina com tristeza. Bastou a bola chacoalhar a rede para seis rugas de preocupação desaparecerem da testa do motorista Eduardo Antonio Queiroz Criado, de 69 anos.

No 16º andar do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP), o maior hospital oncológico da América Latina, Eduardo não pôde soltar a voz. Mesmo assim, se fez entender. Agarrou a caneta e anotou no meu caderno: "Neymar chutando é sempre gol". Eduardo é otimista por natureza. Há quase um mês, vive sem a laringe. Perdeu as cordas vocais para o tumor provocado por 45 anos de cigarro. No hospital, ele se alimenta por uma sonda nasal. Passa 90 minutos preso ao suporte que transporta o preparado nutritivo.

É o tempo de assistir a uma partida de futebol inteira. Às vezes, Eduardo engasga. Uma secreção escapa pela traqueostomia, o orifício aberto no pescoço. As duas filhas, Érica e Patrícia, correm para limpá-la. Nenhuma imagem da campanha antitabagista poderia ser mais explícita e didática. Quem vê, não esquece. Apesar do desconforto imposto pelo tratamento, o motorista apoiou a Seleção como pôde. Quando Marcelo inaugurou o placar com um desconcertante gol contra, os olhos de Eduardo ficaram tristes. Foi quando ele mais se agarrou às cores da pátria. Sobre a cabeça enfaixada, ajeitou o chapéu de feltro em forma de bola verde e amarela. No caderno, anotou o incentivo que gostaria de soprar nos ouvidos de cada um dos jogadores: "O Brasil tem que manter a calma para virar o jogo".

Neymar, Oscar, David Luiz... Todo ídolo do futebol é o sobrevivente de disputas ferrenhas que o brasileiro aprende, desde criança, a entender como um fato da vida: as peneiras. Milhões de garotos gostariam de entrar em campo para defender o Brasil, mas só os melhores chegam lá. O sucesso é explicado por ingredientes comuns a outras formas de estrelato: talento, sorte e trabalho.

No futebol, as peneiras fazem sentido. No acesso à saúde, elas são inaceitáveis. Eduardo é sobrevivente de uma forma cruel de seleção. Até o final deste ano, o Brasil terá cerca de 580 mil casos novos de câncer. Pouca gente conseguirá se tratar, pelo SUS, em um centro de excelência como o ICESP. Quinze mil novos pacientes por ano é o máximo que a instituição consegue atender.



Em São Paulo, como no país inteiro, a maioria dos doentes sequer se tornará paciente. Perderá o jogo antes de receber diagnóstico e conseguir começar o tratamento. “As pessoas passam muito tempo sem saber o que têm”, diz o médico Paulo Hoff, diretor geral do ICESP. “Descobrir um câncer não é alegria para ninguém, mas, na realidade brasileira, quem consegue receber pelo menos um diagnóstico já fica feliz”.

Tecnicamente, o ICESP é considerado um hospital de portas fechadas. Não recebe pessoas que desconfiam da doença. Se a estrutura fosse utilizada para fazer triagem e diagnóstico, não sobrariam braços e orçamento para oferecer o tratamento de alta qualidade que caracteriza o instituto. Só entram no ICESP os pacientes encaminhados por outras unidades de saúde. Gente que já passou por um posto de saúde, já venceu longos meses de espera por um exame e já tem indicação clara da necessidade de tratamento.

Depois dessa corrida de obstáculos, metade dos pacientes que chegam ao ICESP tem tumores avançados (estágios 3 e 4, numa escala de um a quatro). O ideal seria que a maioria chegasse nas fases iniciais da doença. Oficialmente, o hospital deveria atender apenas a população da capital e casos especiais encaminhados por outras instituições do interior paulista. Basta passar uma manhã na porta do instituto para ver a movimentação de pacientes de outros municípios e até de outras unidades da federação.

“Não discriminamos ninguém”, diz Hoff. “Não investigamos onde as pessoas moram, mas esse afluxo de pacientes é um claro sinal da ausência de tratamento de câncer nos outros estados”, afirma. As vagas do ICESP são disputadas não apenas pelos pacientes do SUS. Quando a doença se agrava e os planos de saúde não cumprem com suas obrigações - algo tão corriqueiro quanto um pênalti em dia de jogo tenso - os clientes do mercado privado engrossam as filas do instituto.

“Vários amigos com casos de câncer na família me pedem ajuda para conseguir uma vaga aqui”, afirma Patrícia, uma das filhas de Eduardo. “Quem sou eu?”, diz ela. Eduardo coloca a caneta em ação: “Sou muito bem tratado aqui. Sinto pena dos brasileiros que não têm a mesma sorte.” A família sonha com o dia em que o ICESP e outras raras instituições públicas de excelência no país deixem de ser um privilégio para tão poucos. Para a presidente, ele anota um recado cristalino: “Dilma não se preocupa porque está com os melhores médicos. Se ela tivesse que passar por um hospital público, daria mais valor”.



Eduardo com a família e a equipe de enfermeiros do ICESP. Eles assistiram juntos ao primeiro jogo da Seleção na Copa de 2014 (Foto: Nathalia Tavorieri / ÉPOCA)

No dia histórico em que o Brasil abrigou uma Copa do Mundo, vários pacientes expressaram o desejo de ver o país provar que é capaz de organizar a saúde. Sozinhos, com a família ou com os amigos reunidos no ICESP, eles torceram pela Seleção. Os sentimentos e as aspirações dos que não puderam ir às ruas foram registrados em vídeo pela repórter Nathalia Tavolieri.

Eduardo era um dos mais animados. Os netos Gustavo, de 17 anos, Letícia (11) e Gabriela (9), não aceitaram viver a primeira Copa no Brasil sem o avô. Compraram camisetas, acessórios e adereços para enfeitar o quarto do hospital. Naquela tarde, ele seria a melhor extensão possível da casa de Diadema, na Grande São Paulo. Faltaram alguns detalhes. Não havia a TV de 42 polegadas nem as seis caixas de som que Eduardo fez questão de comprar para acompanhar os jogos do Corinthians. Em campo, não havia os ídolos que ele viu jogar para nunca mais esquecer: o mítico goleiro Gylmar, Sócrates, Basílio, Vaguinho, Zé Maria, Russo, Biro-Biro...

Não havia pipoca, sua especialidade altamente reconhecida na vizinhança. "Ele faz doce e salgada", diz a neta Gabriela. "É tão boa, mas tão boa que minhas amigas perguntam se ele é pipoqueiro". O que não faltou foi afetividade. Naquela família, havia tanta e em quantidade tão generosa a ponto de transbordar pelos corredores do hospital. Quem passou por lá, sentiu. Se Eduardo continuar se recuperando tão bem da cirurgia, talvez tenha alta nos próximos dias. Chegará a Diadema a tempo de ajudar a enfeitar a rua. Não faltarão pacientes para ocupar a vaga tão disputada no quarto 1637.

Sistemas de saúde capazes de atender 100% da demanda são cada vez mais raros – se é que existem, de fato, em algum país. O Brasil certamente não é um deles. Os buracos da peneira de acesso à saúde não podem continuar a ser tão estreitos quanto o fundo de uma agulha. É preciso alargar essa malha e botar para dentro quem precisa de ajuda. Numa terra de tantos craques, está faltando artilheiro para marcar esse gol.

Assista ao vídeo: http://www.youtube.com/watch?v=crc_wlBN_0

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Junho de 2014.**

 Lucas Rocha